

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE HISTÓRIA**

BRUNA XAVIER DE SOUZA

**MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS: A PRESENÇA DAS MULHERES ANGOLANAS
NA UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE (2006-2012)**

**CRICIÚMA
2015**

BRUNA XAVIER DE SOUZA

**MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS: A PRESENÇA DAS MULHERES ANGOLANAS
NA UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE (2006-2012)**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado para obtenção do grau de
Licenciatura em História da Universidade
do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof. (a) Ma. Michele
Gonçalves Cardoso

CRICIÚMA

2015

BRUNA XAVIER DE SOUZA

**MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS: A PRESENÇA DAS MULHERES ANGOLANAS
NA UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE (2006-2012)**

Trabalho de Conclusão de Curso
aprovado pela Banca Examinadora para
obtenção do grau de Licenciatura, no
Curso de História da Universidade do
Extremo Sul Catarinense, UNESC, com
Linha de Pesquisa em História local e
regional.

Criciúma, 02 de dezembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Michele Gonçalves Cardoso – Mestra – (UNESC) - Orientador

Prof. Emerson César de Campos – Doutor - (UDESC)

Prof. Ismael Gonçalves Alves – Doutor - (UNESC)

Dedico este trabalho à minha mãe guerreira, Luciane Xavier de Souza e aos meus irmãos Taina Xavier de Souza, Taís Xavier de Souza e Guilherme Moisés de Souza. Não existem palavras que meçam o amor e a gratidão que sinto por vocês. Obrigado.

AGRADECIMENTOS

Começo por agradecer a Yeshua, que com suas palavras me guiam na minha trajetória de vida.

As mulheres que fizeram e fazem parte da minha vida. Especialmente a minha mãe Luciane Xavier de Souza, que sempre me incentivou a estudar, fazendo o impossível para que eu pudesse chegar até aqui. As minhas irmãs Tais Xavier de Souza e Tainá Xavier de Souza, que em minhas jornadas de estudos em casa, sempre tiveram a paciência para suportar crises de ansiedade, na realização deste trabalho.

Agradeço também a minha parceira de trabalho Elaine Manoel. Juntas compartilhamos angústias, alegrias e momentos de desespero, na realização de nossos trabalhos.

As professoras que marcaram minha caminhada durante a vida escolar e acadêmica, Adiles Lima, Nair Ruphental Michels e minha orientadora Michele Gonçalves Cardoso pelo tempo dispensado, sugestões feitas e paciência.

Aos professores do curso de História e pessoas que me abriram as suas portas e com as suas palavras deram-me a conhecer um mundo até então desconhecido. Hoje ao recordar-me de tudo o que partilharam comigo, fico com a certeza de que me ensinaram muito mais do que aquilo que aqui está nestas páginas.

À minha família, em especial a minha tia(o) Maria Iara Xavier e Batista João Domingos, que com suas palavras, sempre demonstram apoio a minha família, e me deram forças e oportunidades para realização deste sonho.

Ao meu irmão Guilherme Moisés de Souza, que com sua calma, sempre procurou me ajudar de alguma forma.

Finalmente aos meus amigos (as), que em todos os momentos me deram força e apoio. Obrigado Schaiane Pereira Martins e Carla Emanuela Laurindo Nascimento, juntas expulsávamos o nervosismo!

Agradeço a minha colega de trabalho e amiga Schirlei Norberto dos Santos por sua positividade. Um obrigado especial a minha turma de graduação, que juntos sofremos a espera deste momento.

A todos que estiveram comigo e para mim, a minha eterna gratidão.

“A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura”.

Ngozi Chimamanda Adiche

RESUMO

Este trabalho procura analisar as migrações contemporâneas de angolanos (as) para Criciúma, evidenciando a presença das mulheres neste processo histórico. Compreendendo as razões pelas quais foram levadas a escolher a cidade e as formas de inserção na UNESC nas primeiras décadas do século XXI (2006 – 2012). Percebendo como as mulheres estão sendo representadas nos fluxos migratórios e analisando as relações de gênero. Analisando também a escolha de suas graduações e o modo como se relacionam na Universidade verificando o impacto deste gênero na sociedade receptora.

Palavras-chave: Angola; Mulheres; UNESC; Migrações.

LISTA DE TABELAS

Tabela I – Distribuição dos acadêmicos por graduação – Acordo Sonangol.....	25
Tabela II – Distribuição das acadêmicas – Acordo Sonangol.....	26
Tabela III – Distribuição de acadêmicos - Acordo Litis.....	27
Tabela IV – Distribuição de acadêmicas – Acordo Litis.....	28
Tabela V – Distribuição de acadêmicos – Acordos particulares.....	29
Tabela VI – Distribuição de acadêmicas – Acordos particulares.....	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASSAC	Associação de Angolanos de Criciúma
EUA	Estados Unidos da América
FNLA	Frente Nacional de Libertação de Angola
FURB	Universidade Regional de Blumenau
ISPH	Instituto Superior Politécnico de Huambo
MPLA	Movimento Popular de Libertação de Angola
PIDE	Polícia Internacional e de Defesa do Estado
UNACET	Unidade Acadêmica de Ciências, Engenharias e Tecnologias
UNACSA	Unidade Acadêmica de Ciências Sociais Aplicadas
UNASAU	Unidade Acadêmica de Ciências da Saúde
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
UNILINS	Centro Universitário de Lins/SP
UNITA	União Nacional pela Independência Total de Angola

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS: OS LAÇOS QUE LIGAM ANGOLA E BRASIL.....	16
1.2 CRICIÚMA ENTRE CHEGADAS E PARTIDAS	20
2 REDES MIGRATÓRIAS: A INSERÇÃO DA COMUNIDADE ANGOLA NA UNESC	23
3 NARRATIVAS E VIVÊNCIAS DAS MULHERES ANGOLANAS NO ESPAÇO ACADÊMICO.....	32
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS.....	42
APÊNDICE A – QUESTÕES NORTEADORAS PARA ENTREVISTAS COM MULHERES ANGOLANAS	45

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a presença de acadêmicos (as) angolanos (as) na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Pretende-se compreender como se consolidou o fluxo migratório entre Angola e Criciúma (UNESC), dando visibilidade especialmente a presença das mulheres neste fluxo. Criciúma – inserida nos fluxos migratórios contemporâneos desde os anos de 1980 – tem diminuído o envio de trabalhadores para o exterior. Percebe-se nos últimos anos que a cidade tem deixado de exportar mão de obra para se tornar um pólo receptor de trabalhadores. Nesse sentido é de fundamental importância analisar esse redirecionamento dos fluxos migratórios percebendo as especificidades de cada grupo.

Assim, se pode evidenciar que as migrações contemporâneas são fenômenos complexos e variáveis, pois o mundo contemporâneo é um espaço de grande circulação de pessoas, como também, de costumes, línguas, crenças e tradições diversificadas. As migrações nunca deixaram de existir. Desde o aparecimento dos seres humanos sempre houve fluxos migratórios, seja motivado pelo clima, o aumento populacional, exploração de recursos naturais, guerras civis de longa duração, questões políticas ou pela vontade de explorar novos territórios.

Se o mundo é esta grande circularidade de elementos, sem restrições, remetendo a ideia de globalização e liberdade ao acesso de informações, então o tema imigração não deveria ser debatido tão diferentemente, pois o direito de ir e vir por terra seriam uma forma também de manifestação destas informações (ASSIS, 2007). No entanto, as fronteiras são construídas ou derrubadas conforme interesses diversos privilegiando o comércio de produtos e informações em detrimento ao humano.

Nas primeiras décadas do século XXI, iniciou no Brasil o fluxo de migrações angolanas. Desde então, Criciúma passou a receber e ter contato com mais esta cultura, o que despertou a atenção de moradores locais e da mídia, gerando diversos discursos¹, alguns remetendo a ideia de crescimento cultural, outros preconceituosos por serem imigrantes e africanos.

A partir de então, pode-se observar o crescimento de uma rede de

¹ Conferir reportagem sobre o desfile cívico em Criciúma/SC com o tema “Valorizando a pluralidade cultural de Criciúma”. Disponível em: www.clicatribuna.com. Acesso em: 21/08/2015.

imigração. A cidade passou a receber uma diversidade de povos, atualmente grupos do Haiti, Senegal e Gana.

Como se observa em reportagens, entrevistas e no cotidiano estes estão presentes em fábricas, metalúrgicas, *shoppings*, supermercados, buscando empregabilidade. Desde então, a população passou a refletir sobre as diversas motivações que instigaram os grupos a migrarem.

Diferente destes grupos migratórios, os angolanos (as) tinham como objetivo estudar e aprimorar seus conhecimentos; almejavam uma formação acadêmica que pudesse colaborar com o desenvolvimento econômico de seu país. Foram essas as motivações que levaram a criação do intercâmbio realizado entre a Universidade do Extremo Sul Catarinense e Sonangol.

A comunidade angolana passou a migrar a partir de um acordo de cooperação entre a UNESCO, Universidade Regional de Blumenau (FURB), Centro Universitário de Lins/SP (UNILINS) e Siano & Rego (representante da empresa petrolífera Sonangol), realizado no ano de 2006.

A turma de vinte e quatro estudantes angolanos (as) recepcionada no ano seguinte cursou 12 dos 34 cursos de graduação da UNESCO, sendo o grupo com idades entre 19 e 26 anos, a maioria residente da capital Luanda ou proximidades como Cabinda (ACORDO DE COOPERAÇÃO, 2005). Após a inserção destes primeiros grupos de intercambistas, a UNESCO passou a receber muitos estudantes de Angola, desenvolvendo entre eles uma rede de migração, onde os migrantes compartilhando experiências e contatos possibilitaram a vinda de novos integrantes para a região.

Atualmente já estão formados mais de 295 angolanos (as), distribuídos entre as graduações, Mestrado e Doutorado. Os (as) estudantes têm como objetivo a formação acadêmica e posteriormente o retorno a seu país de origem. Alguns contam com ajuda financeira de seus pais para estudar e outros receberam bolsa de estudos de empresas, como a Sonangol², que segundo os objetivos do convênio, investe na qualificação de sua mão de obra, com o objetivo de desenvolver a economia e contribuir para projetos de reconstrução de

²Sonangol — Sociedade Nacional de Combustíveis de Angola, E.P. — é a concessionária exclusiva para a exploração de hidrocarbonetos líquidos e gasosos no subsolo e na plataforma continental de Angola. É responsável pela exploração, produção, fabricação, transporte e comercialização de hidrocarbonetos. Disponível em: <http://www.sonangol.co.ao>

Angola, que até o ano de 2002 era cenário de guerras civis.

A partir da observação deste grupo africano no cotidiano da cidade de Criciúma e na UNESC, o estudo se fez necessário, pois se percebeu que grande parte da comunidade angolana que hoje frequenta o campus, é de mulheres colocando em questão a presença destas angolanas nos fluxos migratórios que estão ocorrendo em todo Brasil. Quando se ouve falar sobre fluxos migratórios, o termo “migrante” muitas vezes remete somente a ideia de que são homens, pois neste processo, as mulheres estão sempre representadas com menos visibilidade, como aquelas que seguem os homens. Em algumas situações, a ele é dado o papel de “provedor” de alimentos do lar, e a elas somente de “dependentes passivas” (MOROKVASIC, 1984 apud ASSIS, 2003, p. 32).

Refletindo sobre como as migrações ocorrem no mundo, e como está acontecendo na região sul do Brasil, num primeiro momento a presença das mulheres na Universidade contesta alguns estereótipos, como o da mulher no papel de alguém que segue e depende do homem, pois essas angolanas migraram na condição de estudantes e independentes.

Nesse sentido, são muitas as pesquisas recentes em âmbito internacional e nacional que estão gerando discussões em torno dos fluxos migratórios contemporâneos. Estudos realizados a partir dos países que estão enviando e recebendo estes imigrantes, neste processo histórico é evidenciada a presença das mulheres.

Para fundamentar a pesquisa serão utilizadas pesquisas fundamentadas nos estudos migratórios. Para compreender esses fluxos na cidade de Criciúma utilizaremos os trabalhos do historiador Émerson César de Campos e da historiadora Michele Gonçalves Cardoso. Como o estudo é focado na visibilidade das mulheres migrantes, se utilizará, também, o conceito de gênero na perspectiva de Margareth Rago e Chimamanda Ngozi Adichie, escritora africana. No cruzamento dessas temáticas trabalharemos com as contribuições da antropóloga Glaucia de Oliveira Assis.

Desta forma, entendendo como são construídas as relações sociais e observando as identidades que cada indivíduo/gênero exerce foi preciso compreender Angola em um aspecto geral, pois ao longo do tempo, o país tem recebido interferências em seus costumes, mas demonstrando resistência em sua organização tradicional por meio de arranjos familiares, língua e cultura.

Angola possui uma divisão social onde grupos que vivem no campo, demonstram uma maior resistência pela manutenção de rituais tradicionais, onde as mulheres têm maior invisibilidade. Diferente do meio urbano onde existem movimentos pela igualdade de direitos por meio de políticas públicas e dentre outros projetos (ANGOLA, 2014).

Para Adichie (2014, p. 57), escritora nigeriana, a pesquisa sobre gênero se faz necessária, por vários motivos, dentre eles a diferença com que a mulher e o homem historicamente foram moldados, pois “a cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura”.

Historicamente, as relações de poder entre os gêneros em África ou em qualquer outro continente são moldadas como forma de dominação sobre o outro. Pensando nas relações de gênero, Pedro Paulo Ventura (2014) observa que a dominação masculina ainda está muito presente em nosso cotidiano. A mulher é vista como um meio de reprodução e educação de filhos, e em alguns grupos tribais em Angola não é diferente. As mulheres estão sempre ligadas à reprodução, visto que este papel acaba restringindo sua liberdade.

Historicamente, a ela é destinada a criação e educação dos filhos (as). Atividades que foram consideradas inferiores as masculinas. Assim, sua liberdade acabou sendo restringida muitas vezes pela dupla jornada em seu cotidiano, como exemplo: maternidade e trabalho. O homem na condição de um ser viril, provedor e superior a mulher, reafirma seu poder sobre esta, dirigindo seu modo de ser e agir em sociedade, tornando sua figura o centro da família, retirando total autonomia para que ela decida sobre seu papel.

Nesse sentido, é de fundamental importância a realização de pesquisas que analisem as diversas formas de resistência das mulheres, assim como, que as coloquem no papel de protagonistas de suas histórias. A presença destas jovens migrantes na Universidade chamou a atenção, pois ao deixarem seus lares, com objetivos diversos, um deles qualificação profissional, elas assumem outros papéis, modificando suas atribuições no contexto migratório, como também, no retorno ao país de origem.

Desta maneira, para a realização desta pesquisa foram utilizados diversos tipos de fontes, entre elas a história oral. Essa metodologia proporciona ouvir indivíduos como as mulheres, os trabalhadores, as crianças, já que muitas vezes as

fontes são escassas dentro desta perspectiva de estudo. A história oral viabiliza o estudo destas minorias, entendemos também que ela por si só não fala, mas junto ao trabalho do (a) historiador (a), permite ser mais uma ferramenta de pesquisa “ampliando as possibilidades de interpretação do passado” (PINSKY, 2005, p. 155) e contribuindo com pontos de vista diferentes. A história oral também é uma metodologia importante para os estudos migratórios.

Para este estudo foram realizadas entrevistas com quatro jovens angolanos (as), com idade entre 20 e 27 anos, dentre estes o presidente da Associação de Angolanos em Criciúma e também o atual Reitor da UNESC.

Além da fonte oral utilizaram-se também diversos documentos disponibilizados pelo setor de Relações Internacionais da UNESC. A partir desses dados foram criadas diversas tabelas cujo objetivo é mapear a presença das angolanas nos diversos cursos da universidade, percebendo suas escolhas e como elas estão ligadas aos papéis de gênero.

1.1 MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS: OS LAÇOS QUE LIGAM ANGOLA E BRASIL

Para compreender como os fluxos migratórios de angolanos (as) estão se desenvolvendo, é preciso entender alguns acontecimentos pertinentes ao Continente Africano, analisando aspectos do cenário atual de Angola.

O Continente Africano em meados do século XIII tornou-se objeto de desejo de vários países europeus. Estes procuravam explorar e dominar novos territórios que ainda desconheciam, mas que já contavam com milhares de habitantes.

Esse processo gerou vários conflitos. A ganância da sociedade europeia despertou diversos interesses e disputas pelo território, impondo medidas políticas e organizacionais, levando grupos africanos a se enfrentarem e se unir contra o imperialismo europeu, no caso angolano, o português.

Exemplos destes conflitos foram às disputas de espaços entre portugueses e grupos nativos que habitavam as proximidades da capital de Angola, onde a população resistia ao domínio:

[...] no período foi o povo de Matamba, que desenvolveu e encabeçou o Ciclo de Kuango³, junto a Kassange, com privilégio de comércio com os franceses através da rota de Loango, empreendendo um último esforço de resistência dos reinos próximos a Luanda ao domínio português [...] (FILOMENA; CHERON, 2008, p. 8).

Neste cenário de conflitos e dominação do outro, países da Europa, estabeleceram a distribuição de sesmarias, uma forma de legitimar a posse sobre a terra e se expandir pelo território africano.

O convívio com a diversidade de línguas e povos que ali habitavam, fez com que os portugueses procurassem ter uma relação, por vezes dialógica, ou violenta, com os povos africanos, que já contavam com uma “concentração populacional e organizacional” (LIMA et al., 2009, p. 37), levando os portugueses a buscarem formas estratégicas de domínio desses grupos.

³Em Angola, o rei de Ndongo, NgolaKluanje, em 1590, formou a chamada primeira coligação contra a presença portuguesa. Jinga Mbandi, em 1635, forma a segunda coligação, compreendendo os Estados de Matamba, Ndongo, Kassanje, Dembos e Kissamas. No século XVII. Surge o chamado ciclo de Kuango, abrangendo principalmente os reinos de Matamba e do Kassanje. (TÉ, Pedro Wilson, 2015, p.25).

Neste processo de dominação sobre o outro, a conversão ao catolicismo do rei de Congo (como Angola era chamada) em 1484, foi uma forma de materializar o poder, passando a ser chamado de D.João I, marcando o rompimento com o costume da sucessão matrilinear.⁴

A partir de então, Angola irá sofrer 500 anos sob o domínio português entre 1482 e 1975 (VENTURA, 2014). Em 1850 Angola exportava produtos para várias colônias, como “óleo de palma, óleo de amendoim, cera, goma copal, madeiras, marfim, algodão, café, cacau e a borracha” inclusive mão de obra escrava para o Brasil (FILOMENA; CHERON, 2008, p. 9).

Com a interferência portuguesa e a instalação da colônia, Angola irá desenvolver um comércio local, ocasionando também a vinda de imigrantes portugueses, onde “destaca-se que a população de brancos era significativa somente em Luanda (aproximadamente um quinto da população da cidade)” (FILOMENA; CHERON, 2008, p. 9). É na capital que irá se desenvolver um comércio maior, formando uma elite, além de administrações civis ligadas as classes de descendentes de colonos e comerciantes ricos, que vão caracterizar a burguesia local.

Entre 1950 e 1960 o mundo viveu o final da 2ª Guerra Mundial e o acirramento da Guerra Fria, período de conflitos entre capitalistas e socialistas, EUA e URSS. Com isto, muitos países africanos iniciaram seus processos de independência, como Argélia, Marrocos, Nigéria, Congo e é neste período que Angola iniciará seu processo de independência de Portugal (STEFENSON, 2009).

Neste momento de transformações sociais e descolonizações no Continente Africano, Angola também fez parte destas revoltas anticolonialistas. É neste contexto que o Governo Salazarista irá criar a Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), com o objetivo de abafar qualquer revolta da população.

É neste clima de repressão e descontentamento com o governo que surgiram às oposições, dentre elas a União Nacional pela Independência Total de Angola (UNITA), o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA - atual governo) e a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA). Pode-se observar que estas organizações políticas se desenvolveram de forma individual e por etnias diferentes como os Kimbundu e Umbundu, que habitavam em áreas diferentes, meio

⁴ Nas sociedades de organização matrilinear, o parentesco formula-se pelos laços uterinos de sangue, razão pela qual a mulher é a única fonte de legitimação das descendências (LEITE, Fábio, 1995/1996, p. 111).

urbano e rural⁵, mas com o mesmo objetivo a independência de Angola (STEFENSON, 2009). Pode-se perceber este contraste de ideias através do auxílio que ambos os partidos recebiam “a FNLA, apoiada pelos Estados Unidos, o MPLA, apoiado pela União Soviética e um pouco mais tarde, a UNITA, apoiada pela China” (AGUALUSA, 2004, p. 1).

A FNLA irá se caracterizar por querer recuperar a identidade tribalista do país. Seus membros eram voltados à etnia bakongo do norte de Angola. Posteriormente o partido perderá apoio, visto que priorizava apenas uma etnia, dentre as várias existentes (STEFENSON, 2009).

O MPLA sobre “orientação marxista, conquistou uma forte rede de apoio nos países socialistas e junto aos grupos de esquerda europeus” (STEFENSON, 2009, p. 24). Sobre a liderança de Agostinho Neto e o apoio da região de Luanda, o MPLA será uma forte tendência sobre o movimento anticolonial de Angola.

O FNLA enfraqueceu devido há alguns fatores como a desistência de seus vários militantes, entre eles Jonas Malheiro Savimbi, conhecido por não concordar com as políticas do seu partido e por ser um grande opositor aos ideais do MPLA.

Savimbi iniciará uma nova tendência anticolonialista, criando a UNITA em 1968, recebendo treinamento militar e apoiado pela China. Seu líder contará também com apoio de seu grupo etnolinguístico⁶, os ovimbundos, localizados no planalto e no sul, o mais populoso de Angola (FILOMENA; CHERON, 2008).

O país se tornou independente em 11 de Novembro de 1975. Mesmo com o enfraquecimento do governo, as forças políticas formadas em Angola, não se uniram, deixando claras suas diferenças, como vertentes ideológicas, indivíduos pertencentes a classes sociais diferentes, criando uma rivalidade entre o meio urbano e rural (FILOMENA; CHERON, 2008).

É neste cenário antagônico que o “governo militar português, reuniu as lideranças dos três movimentos de libertação (MPLA, FNLA e UNITA) para dar início aos acordos que culminariam com a independência total angolana. Em Alvor, foram assinados acordos, visando a criação de um

⁵O país se divide em 18 províncias, Bengo, Benguela, Bié, Cabinda, Cuando – Cubango, Kwanza – Norte, Kwansa- sul, Cunene, Huambo, Huíla, Luanda (capital), Luanda- Norte, Luanda – sul, Malanje, Moxico, Namibe, Uíge e Zaire (ANGOLA, 2010).

⁶O Continente Africano possui uma diversidade de povos e línguas. Em Angola as principais línguas nacionais são: Umbundo, Kimbundo, Kingongo, Fiote, Tchokwe, N’ganguela e Kunhamgua, tendo como língua oficial o Português e a religião Católica (VENTURA, 2014).

governo de transição, do qual fariam parte os três movimentos e o governo português, e a preparação para eleições gerais para a assembleia constituinte de Angola” (STEFENSON, 2009, p. 33).

Em 1992, o país tem suas primeiras eleições. O partido que iniciou o processo de independência, o Movimento Popular de Libertação da Angola, era liderado por Agostinho Neto e concentrado na capital do país, diferente da oposição, comandada por Jonas Savimbi, a UNITA, mais próxima ao interior de Angola, na província de Cubango.

A vida urbana foi, para o MPLA, a das conquistas fundamentais – a começar pela ressurreição político-militar. Neste aspecto, o MPLA soube explorar melhor que os seus concorrentes a dinâmica social urbana na sua globalidade, em vez de contar apenas com o fator étnico-cultural do domínio da região kimbundu, da qual era oriundo o seu presidente Agostinho Neto. Dotado de uma nova vida por uma base social mais diversificada e, principalmente, assente em camadas sociais dinâmicas que deram suporte a sua passagem para a vida urbana e legal, o MPLA ganhou o impulso necessário para a tomada unilateral do poder (TALI, 2001, p. 89 apud STEFENSON, 2008, p. 37).

Com o apoio e a influência da população urbana, em setembro de 1992 o MPLA ganha “maioria parlamentar com 53,7% dos votos contra 34,1% da UNITA”. Não satisfeitos com o resultado “imediatamente, as forças da UNITA se articularam pelo país, e no dia 30 de outubro iniciaram a luta pelo controle de Luanda” (FILOMENA; CHERON, 2008, p. 24). É nesta luta de poderes, que ao invés de paz, desencadeia-se uma grande guerra civil no país. Em 2002, com a morte do líder da UNITA, a MPLA retoma o poder sobre presidência de José Eduardo dos Santos.

As sangrentas guerras civis devastaram grande parte do território angolano. Nos últimos anos o país tem tomado algumas medidas objetivando sua reconstrução. Entre elas podemos citar a criação de diversos acordos internacionais visando o desenvolvimento econômico do país (ANGOLA, 2014). É neste contexto que muitos países são procurados para suprir diversas necessidades no campo educacional. Angola passou a investir na criação de convênios com diversas universidades com o objetivo de aumentar o número de habitantes formados no ensino superior, expandindo também seu próprio sistema de ensino. Por conta de seu potencial econômico são muitos os países que almejam firmar esses convênios.

É neste cenário que angolanos (as) partiram de seu país de origem e chegaram a Criciúma para realizar seus estudos. Esses convênios também

possibilitam perceber as características dessas migrações, já que todos (as) os (as) estudantes devem retornar ao país de origem no final de seus cursos, ou seja, as migrações têm como objetivo o retorno.

1.2 Criciúma entre chegadas e partidas

Antes de se aprofundar sobre algumas características do acordo entre as empresas angolanas e a UNESCO é importante destacar o envolvimento da cidade de Criciúma em diversos fluxos migratórios contemporâneos. A cidade se tornou conhecida nas últimas décadas pelo elevado número de criciumenses que partiram num primeiro momento para os Estados Unidos (década de 1980 e início dos 90), e posteriormente para a Europa (fins dos anos 90 e início dos anos 2000).

Já nos últimos anos a cidade está constituindo outras redes migratórias, pois de local de origem dos fluxos passou a ser local de destino de diversas migrações, evidenciando as diferentes motivações, assim como, a consolidação de novas redes, pois essas migrações “se caracterizam pela maior diversidade étnica, de classe e de gênero, bem como pelas múltiplas relações que se estabelecem entre as sociedades de destino e de origem dos fluxos” (ASSIS, 2003, p. 10).

Historicamente o Brasil se configurou como um país receptor de imigrantes. No final do século XIX e início do XX, recebeu uma grande leva de imigrantes, como italianos, alemães, e demais grupos, onde as mulheres e crianças encontravam-se também inseridas neste processo.

Estes imigrantes que chegavam à América percebiam na nova terra uma oportunidade de reconstruir suas vidas, como no caso das migrações vindas da Itália, em que as famílias vivenciavam em seu país, um cenário de miséria e destruição levando muitos ao deslocamento.

Nos últimos anos percebe-se uma inversão nestes fluxos migratórios. O Brasil ao invés de receber novos imigrantes, passou a exportar mão de obra para outros países. A migração de muitos brasileiros (as), em alguns casos pode ser compreendida pelo cenário que o país vivenciava, com o processo de redemocratização e a recessão econômica (CARDOSO, 2011). “A população projetava na migração, principalmente para os Estados Unidos, novas oportunidades reforçadas muitas vezes pela mídia e pelos próprios imigrantes que lá permaneciam”. (CARDOSO, 2011, p. 13).

Criciúma entrou nos fluxos migratórios por vários fatores, como por exemplo, a crise no setor carbonífero onde a atividade apresentou seus “altos e baixos, principalmente por conta da necessidade de subsídios por parte do governo” (CARDOSO, 2011, p. 26). Com o setor em crise o número de desempregados aumentou. Essa crise local somada aos problemas nacionais foram fatores determinantes para o início dos fluxos migratórios.

Desta maneira, compreendendo que Criciúma historicamente é “uma cidade híbrida e fraturada em sentidos, construída sobre referenciais diversos” (CAMPOS, 2003, p. 97), muitos indivíduos entorno da mística de seus antepassados, criavam expectativas sobre a Europa, fazendo da migração para outro país uma aventura e uma terra de oportunidades (ASSIS, 2003, p. 39).

Nos anos 80 e 90, Criciúma era uma das cidades que mais exportava mão de obra, especificamente para os Estados Unidos (EUA), pois a entrada no país era facilitada pela cidadania italiana⁷, que “numa leitura mais rápida, poderia ser vista como simples tentativa de recuperação de sentimentos” (CAMPOS, 2003, p. 103), mas que também representava a abertura de diversas fronteiras.

Percebe-se uma grande procura pelo país de destino, por meio dos discursos que eram reforçados pelas mídias e pelos imigrantes que se dirigiam para lá, uma vez que “o contador de histórias também se torna protagonista delas” (CAMPOS, 2003, p. 39), pois sobre o olhar de quem vive a aventura ou retorna, o novo é positivado. É nestes diálogos, que as migrações internacionais aconteciam.

O grande fluxo migratório para o EUA contribuiu para a consolidação das chamadas redes sociais, que foram mecanismos criados para facilitar as informações entre a sociedade de destino e a sociedade de origem, como questões de documentos, travessia da fronteira, empregos e moradia (CARDOSO, 2011).

As redes sociais em nossa sociedade atual são desenvolvidas com o auxílio das tecnologias, tendo acesso fácil e barato as informações, através dos meios de comunicação e meios de transporte (ASSIS, 2007, p. 750), sendo a participação das mulheres fundamental para a manutenção dessas redes.

No entanto, a participação dos homens nestes processos, muitas vezes encobria a presença das mulheres nos fluxos migratórios, sendo que estas

⁷ A nacionalidade italiana, desde 1912, é atribuída pelas autoridades da República Italiana, sobretudo, por meio do *jus sanguinis*, princípio jurídico que permanece em vigor até os dias de hoje (ITÁLIA, Lei número 91, de 15 de fevereiro de 1992).

articulavam uma grande rede de relações sociais, modificando inclusive “a visão mais tradicional de família” (CAMPOS; CARDOSO, 2014, p. 163) já que estas passaram a ser também protagonistas e provedoras.

Como alguns estudos demonstraram no contexto das migrações, o homem está sempre idealizado como o mais forte e provedor do lar, enquanto as mulheres eram as guardiãs das comunidades e da estabilidade (ASSIS, 2007), dando visibilidade para eles e criando um estereótipo masculino para a figura do migrante.

Nesse sentido, é de fundamental importância estudos que percebam a presença das mulheres nos fluxos migratórios contemporâneos, analisando suas trajetórias; percebendo as redes que tecem e ouvindo suas narrativas como protagonistas desses processos. Assim, para compreender melhor a inserção das mulheres angolanas na cidade de Criciúma, especialmente no meio universitário, é importante analisar suas escolhas acadêmicas e como estas estão relacionadas a determinados papéis de gênero.

2 REDES MIGRATÓRIAS: A INSERÇÃO DA COMUNIDADE ANGOLA NA UNESC

Ao analisar os aspectos da história angolana percebem-se as diversas políticas desenvolvidas pelo governo, e de algumas empresas, para o chamado projeto de reconstrução nacional. Nos últimos anos, Angola apresentou importantes índices de crescimento econômico, sendo seus principais produtos para a exportação o petróleo, diamantes, vários minerais, madeiras, peixe, café, algodão e sisal. Tem como principais parceiros comerciais os EUA, Bélgica, Portugal, Alemanha, França, China, Espanha, Brasil e África do Sul.

O estreitamento das relações comerciais entre Brasil e Angola tem contribuído para a consolidação de fluxos migratórios que primeiramente foram direcionados para o Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e posteriormente, Santa Catarina.

Entre os diversos acordos que foram firmados entre Brasil e Angola nos últimos anos estão os convênios que estimularam a vinda de angolanos (as) para a Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) em Criciúma. O investimento realizado pela petrolífera angolana Sonangol é um desses exemplos.

Em 2005 a empresa procurava no Brasil universidades para a qualificação profissional de seus (as) funcionários (as). É a partir desta empresa que a UNESC passou a almejar a vinda de angolanos (as) para a instituição, interesse que teria surgido, segundo o reitor⁸, a partir de conversas informais entre o reitor da Universidade e a professora Maria Dal Farra Naspolini⁹.

Segundo Volpato, Maria Dal Farra foi informada por um parente que na época trabalhava na empresa Siano & Rego, que a petrolífera Sonangol procurava universidades para enviar seus funcionários. Segundo o atual reitor, a UNESC teve interesse em receber esses (as) alunos (as) estabelecendo assim, os primeiros contatos com a Sonangol.

Inserida no processo, a UNESC assinou o Acordo de Cooperação juntamente com outras instituições. O processo de inserção destes funcionários (as) angolanos (as) nas universidades brasileiras ocorreu por etapas. Em 2005, era assinado o Acordo de Cooperação entre UNESC, representada pelo reitor Antônio

⁸ Entrevista realizada com Gildo Volpato, Criciúma, 28 de setembro de 2015.

⁹ Ex-vice-prefeita de Criciúma (1997-2000), professora universitária. Disponível em: <www.camaracriciuma.sc.gov.br/>

Milioli Filho; FURB por Egan José Schramm; UNILINS por João Carlos de Campo e Siano & Rego, representante da Sonangol no Brasil.

Desta maneira, percebe-se que o início deste fluxo teve diversas motivações e fatores, sendo eles econômicos e também políticos. Por não estar inicialmente na rota destes ciclos migratórios, a cidade de Criciúma, especialmente a UNESC, teve que realizar um trabalho de apresentação da universidade para a empresa petrolífera e para a embaixada. A instituição teve que apresentar as possibilidades da região sul catarinense e construir uma possível vinda destes migrantes¹⁰.

Assim, a turma de vinte e quatro estudantes angolanos (as) foi recepcionada no ano de 2006. cursaram 12 dos 34 cursos de graduação da UNESC, sendo o grupo com idades entre 19 e 26 anos, a maioria residente da capital Luanda ou proximidades como Cabinda (ACORDO DE COOPERAÇÃO, 2005). Neste acordo ficou decidido que seriam distribuídas 147 vagas entre as universidades, com duração de seis anos, podendo ser renovado o contrato.

Cada campus ficou responsável em formular e aplicar o vestibular para acesso às graduações. Os cursos ofertados pela UNESC foram os seguintes: Economia e Engenharia Ambiental - 7 vagas; Engenharia Civil – 5 vagas; Ciência da Computação – 3 vagas; Ciências Contábeis – 3 vagas; Administração – 7 vagas. Na área da saúde, ficaram distribuídas assim: Enfermagem – 3 vagas; Farmácia – 7 vagas; Fisioterapia – 5 vagas e Nutrição – 5 vagas (ACORDO DE COOPERAÇÃO, 2005). Os cursos ofertados não foram escolhidos pelas instituições de ensino, mas sim pela empresa que selecionava e indicava, visando o interesse na área em que a mesma necessitava em seu quadro funcional¹¹.

As provas foram realizadas na capital Luanda, onde também fica localizada a sede da empresa Sonangol. A empresa era responsável em lançar o edital das provas e validar diplomas, auxiliar as relações com a embaixada e pela manutenção das bolsas de estudos para os estudantes selecionados.

Assim, com o objetivo de mapear a presença de estudantes angolanos, especialmente das mulheres na universidade, consultaram-se diversos documentos no setor de Relações Internacionais. Foram disponibilizados para consulta somente no local, alguns documentos relacionados aos acordos firmados entre as empresas

¹⁰ Entrevista realizada com Gildo Volpato, Criciúma, 28 de setembro de 2015.

¹¹ Entrevista realizada com Gildo Volpato, Criciúma, 28 de setembro de 2015.

angolanas e a UNESCO. Também foi disponibilizado um conjunto de tabelas onde se percebe em quais cursos os migrantes estão inseridos.

Analisando como os (as) acadêmicos (as) estão distribuídos nas graduações, por meio do acordo entre Sonangol e a UNESCO, percebe-se que a empresa ofertou para seus funcionários, principalmente graduações nas áreas de Engenharia, Saúde e Administração, como demonstra a tabela I.

Tabela I – Distribuição dos acadêmicos por graduação – Acordo Sonangol

CURSO	NÚMERO DE ACADÊMICOS (as)
Administração	13
Arquitetura e Urbanismo	1
Ciências da Computação	8
Ciências Contábeis	6
Direito	3
Economia	8
Enfermagem	4
Engenharia Ambiental	11
Engenharia Civil	7
Engenharia de Materiais	1
Engenharia Mecânica	1
Engenharia Química	3
Farmácia	3
Fisioterapia	15
Medicina	3
Nutrição	3
Psicologia	3
Tecnologia em Gestão de Marketing	1
Tecnologia em Processos Gerenciais	1
Tecnologia em Recursos Humanos	1

Fonte: Departamento de Relações Internacionais da UNESCO (2015).

A partir desses dados pode-se começar a destacar a presença das angolanas na universidade. Abaixo, tabela II com os cursos em que as acadêmicas se encontram distribuídas.

Tabela II – Distribuição das acadêmicas – Acordo Sonangol

CURSO	Número de Acadêmicas
Administração	7
Ciências Contábeis	5
Direito	3
Economia	2
Enfermagem	4
Engenharia Ambiental	5
Engenharia Civil	1
Farmácia	2
Fisioterapia	10
Medicina	3
Nutrição	3
Psicologia	2
Tecnologia em Gestão de Marketing	1
Tecnologia em Processos Gerenciais	1

Fonte: Departamento de Relações Internacionais da UNESC (2015).

A maioria das mulheres encontra-se na Unidade Acadêmica de Ciências da Saúde (UNASAU), onde estão os cursos de Biomedicina, Enfermagem, Farmácia, Medicina, Psicologia, Fisioterapia e Nutrição. Os principais cursos procurados por elas são: Fisioterapia (10), Medicina e Nutrição (3).

Já a maioria dos homens é encontrada na Unidade Acadêmica de Ciências, Engenharias e Tecnologias (UNACET), que conta com cursos como: Arquitetura e Urbanismo, Ciência da Computação, Design, Engenharia Ambiental, Engenharia Civil, Engenharia de Agrimensura, Engenharia Ambiental, Engenharia Ambiental e Sanitária, Engenharia Civil, Engenharia de Materiais, Engenharia de Produção, Engenharia Química, Tecnologia em Alimentos, Tecnologia em Cerâmica e Vidro.

Além do acordo com a Petrolífera Sonangol, a instituição passou a realizar outros tipos de convênios com Angola como, por exemplo, a parceria entre o Instituto Superior Politécnico de Huambo (ISPH), que foi assinado no ano de 2011 (ACORDO DE COOPERAÇÃO, 2011). Este acordo tinha como objetivo a inserção de professores brasileiros (as) na instituição. Estes (as) contribuiriam para que fosse possível a troca de experiências entre as universidades. Este acordo tinha como finalidade cooperar no campo do ensino superior técnico profissional e da pesquisa

científica, buscando a troca de experiências entre os docentes¹².

Já em 2014, neste cenário de parcerias entre empresas angolanas e UNESCO, consolidando as diferentes redes de migrações, trocando informações e experiências, outro acordo é firmado, desta vez com outra petrolífera, a Petróleo Ltda Company (Litis), que diferente da Sonangol, tinha como objetivo promover a cooperação entre os espaços de educação superior no Brasil e seus (suas) candidatos (as), tendo estes, total responsabilidade pelos custos das mensalidades e burocracias (ACORDO DE COOPERAÇÃO, 2014).

Diferentemente dos (as) acadêmicos (as) do acordo com a Sonangol que escolhiam suas graduações por meio das vagas previamente oferecidas pela empresa, os estudantes que firmaram acordo com a Litis tinham maior autonomia para optar. A empresa funcionava como agenciadora destes (as) alunos (as) nas embaixadas e dentro da universidade. As famílias deveriam pagar certa quantia para a Litis, para que estes administrassem toda burocracia de migração¹³.

Tabela III – Distribuição de acadêmicos - Acordo Litis

CURSO	Número de Acadêmicos
Administração	22
Arquitetura e Urbanismo	2
Ciências da Computação	21
Ciências Contábeis	17
Ciências Econômicas	12
Design	1
Engenharia Ambiental e Sanitária	3
Engenharia Química	1

Fonte: Departamento de Relações Internacionais da UNESCO (2015).

Neste convênio como se percebe na tabela III acima, os cursos mais procurados por estes acadêmicos (as) são da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais Aplicadas (UNACSA). Mesmo tendo maior autonomia para escolha de suas graduações, eles se concentram nos cursos de Administração (22), Ciências Contábeis (17) e Ciências Econômicas (12).

No entanto, houve a ausência de mulheres nos cursos representados pela

¹² Entrevista realizada com Gildo Volpato, Criciúma, 28 de setembro de 2015.

¹³ Entrevista realizada com Gildo Volpato, Criciúma, 28 de setembro de 2015.

UNASAU, como se pode visualizar na tabela IV.

Tabela IV – Distribuição de acadêmicas – Acordo Litis

CURSO	Número de Acadêmicas
Administração	10
Ciências da Computação	2
Ciências Contábeis	4
Ciências Econômicas	6
Engenharia Ambiental e Sanitária	3

Fonte: Departamento de Relações Internacionais da UNESC (2015).

Deste modo, elas estão em maior número na UNACSA nos cursos de: Administração (10), Ciências da Computação (2), Ciências Contábeis (4) e Ciências Econômicas (6). Contando também com um pequeno público na UNACET, no curso de Engenharia Ambiental e Sanitária (3).

Realizado em 2014, este acordo não obteve sucesso, pois a empresa responsável em manter os (as) acadêmicos (as) estudando simplesmente não entrou mais em contato, não enviando mais ajuda de custo para moradia e mensalidades sendo que estes valores eram repassados pelos familiares. Sua sede foi fechada e o contato das famílias com a empresa se tornou impossível. A petrolífera fez a primeira parte do agenciamento e posteriormente fechou as portas ficando com o dinheiro dos migrantes e abandonando estes na cidade de destino¹⁴.

A universidade sabendo da situação destes estudantes passou a realizar reuniões para tentar resolver o caso. O reitor se dirigiu para Angola para conversar com os familiares. Volpato conversou diretamente com os pais para tentar resolver a situação e manter os estudantes na universidade.

Uma das propostas da UNESC foi liberar a participação desse público para concorrer aos editais de bolsa de pesquisa, extensão, entre outros projetos. A instituição passou a autorizar a comunidade angolana a concorrer nestas modalidades, facilitando as negociações de suas dívidas¹⁵.

Estes acordos e as relações que a universidade construiu com a Embaixada de Angola, por meio de relatórios, conversações com as famílias da comunidade acadêmica angolana e as parcerias desenvolvidas com as

¹⁴ Entrevista realizada com Gildo Volpato, Criciúma, 28 de setembro de 2015.

¹⁵ Entrevista realizada com Gildo Volpato, Criciúma, 28 de setembro de 2015.

empresas, possibilitou a visibilidade da região, tornando Criciúma e UNESC, rota de migração para quem desejasse formação no exterior.

Desta maneira, as redes de migrações possibilitaram a vinda de estudantes, por conta própria, realizando acordos particulares com a universidade, sendo este público representado em número maior e distribuído em diversas graduações, como demonstra a tabela V abaixo.

Tabela V – Distribuição de acadêmicos – Acordos particulares

CURSO	Número de Acadêmicos
Administração	13
Arquitetura e Urbanismo	1
Ciências da Computação	8
Ciências Contábeis	6
Direito	3
Economia	8
Enfermagem	4
Engenharia Ambiental	11
Engenharia Civil	7
Engenharia de Materiais	1
Engenharia Mecânica	1
Engenharia Química	3
Farmácia	3
Fisioterapia	15
Medicina	3
Nutrição	3
Psicologia	2
Tecnologia em Gestão de Marketing	1
Tecnologia em Processos Gerenciais	1
Tecnologia em Recursos Humanos	1

Fonte: Departamento de Relações Internacionais da UNESC (2015).

Estes estudantes por possuir maior autonomia na escolha de seus cursos e melhores condições financeiras para se manter em Criciúma são percebidos em maior público nos cursos de Administração (13), Engenharia Ambiental (11) e Fisioterapia (15).

Por meio das entrevistas percebe-se que são acadêmicos (as) privilegiados socialmente em Angola, pois analisando os cursos em que estão

inseridos (as) se pode pontuar que dentro da universidade, estes são os que envolvem um maior investimento por parte dos (as) acadêmicos (as).

São jovens considerados de classe média, que almejam sucesso profissional e financeiro. O acesso destes acadêmicos ocorre, pois eles não contam com prazos para terminarem suas graduações, e tem suas despesas financiadas por pais ou familiares.

Observando a maneira como as mulheres deste convênio migram, abaixo a tabela VI.

Tabela VI – Distribuição de acadêmicas – Acordos particulares

CURSO	Número de Acadêmicas
Administração	13
Arquitetura e Urbanismo	1
Ciências da Computação	7
Ciências Contábeis	3
Ciências Econômicas	2
Economia	4
Enfermagem	1
Engenharia Ambiental	1
Engenharia Ambiental e Agrimensura	1
Engenharia Ambiental e Sanitária	1
Engenharia Civil	2
Engenharia de Produção	1
Engenharia Química	4
Odontologia	2
Psicologia	1
Fisioterapia	10
Tecnologia em Gestão de Marketing	1
Tecnologia em Recursos Humanos	3

Fonte: Departamento de Relações Internacionais da UNESC (2015).

Estas jovens inseridas por acordo particular continuaram a optar pelas mesmas áreas de estudo. Estão presentes em maior número nos cursos de Administração (13), Ciências da Computação (7) e Fisioterapia (10).

Refletindo sobre como estes jovens se inserem nas graduações, as mulheres ainda optam por áreas da saúde como o curso de Fisioterapia e na área de Ciências Sociais Aplicadas, como Administração que na maioria dos acordos

tiveram maior procura no período de 2006 até 2012.

Mesmo tendo diferentes possibilidades de escolhas, as mulheres continuam muitas vezes optando pelos mesmos cursos. Pode-se inferir que isso ocorre por dois motivos: por conta do mercado de trabalho no país de origem e também pelos cursos já possuírem historicamente uma presença feminina maior.

São estas expectativas sobre os gêneros, que permitem pensar a influência sobre "uma divisão sexual da mão de obra no mercado de trabalho, reunindo as mulheres em certos empregos" (RAGO, 1998, p. 7).

A maneira como estas jovens foram inseridas da universidade, também pode ser compreendida como fator para a escolha das graduações.

Os (as) jovens que migraram referentes ao acordo com a Sonangol, têm seus cursos selecionados pela empresa e as mensalidades custeadas por ela. Esta determina um prazo para retorno, referente ao tempo que a graduação leva para terminar, exemplo: Fisioterapia - duração de 5 anos, então o (a) acadêmico (a) teria este tempo para se formar.

Diferentemente, o acordo realizado com a Litis não exigia um prazo para finalizar a graduação, já que a mesma apenas gerenciava (burocracias e financeiro) os (as) acadêmicos (as) em Criciúma, tornando a escolha das graduações opção deles (as).

Já os (as) acadêmicos (as) que migram por conta própria, possuem maior autonomia e uma diversidade de áreas para cursar.

Mesmo assim, algumas expectativas com relação ao retorno acabam por reduzir algumas possibilidades, pois dentro da própria empresa a qual está vinculada, ou de modo geral, no próprio mercado de trabalho angolano, alguns cargos estão diretamente relacionados a atribuições de gênero. Esse corte restringe também algumas possibilidades para estas migrantes.

3 NARRATIVAS E VIVÊNCIAS DAS MULHERES ANGOLANAS NO ESPAÇO ACADÊMICO

Este capítulo tem como objetivo dar voz as jovens angolanas presentes na UNESC. Ao ouvi-las pretende-se perceber como se inserem nos fluxos migratórios e como estas vivenciam suas relações de gênero no contexto migratório. Para tanto se buscou realizar entrevistas com estas jovens. No entanto, durante a pesquisa houve muitas dificuldades para registrar essas narrativas.

A proximidade temporal do objeto de estudo juntamente com o fato de que estas migrantes ainda permanecem inseridas no fluxo migratório fez com que por muitas vezes as pessoas evitassem conversar sobre suas experiências. Esses desafios, segundo Marieta de Moraes Ferreira, são característicos da História do Tempo Presente, já que esta “tem forçosamente que lidar com testemunhas vivas, que podem vigiar, e contestar o pesquisador, afirmando sua vantagem por terem presenciado o desenrolar dos fatos” (FERREIRA, 1998, p. 3).

Mesmo com tantas dificuldades era de fundamental importância ouvir estas mulheres dando visibilidade as suas trajetórias e analisando a especificidade deste fluxo migratório, que se caracteriza como uma migração de retorno, pois estudam durante 4, 5 até 6 anos na universidade tendo seus estudos financiados por empresas – na condição de bolsistas – ou por suas famílias.

As entrevistas realizadas foram possíveis após vivências com os (as) estudantes angolanos (as) e no desenrolar de algumas conversas informais. Nestes diálogos notava-se a maneira como exaltavam seu orgulho em ser angolano (a). Importante destacar que neste primeiro momento só foi possível se aproximar de estudantes que possuem vínculo particular com a UNESC, ou seja, não são bolsistas.

Nestas conversas informais, mais próximas da entrevistadora, as jovens relatavam episódios que ocorreram em suas graduações. Dentre os vários exemplos um chamou a atenção: contaram que no primeiro contato com uma turma de Engenharia Civil, alguns colegas perguntaram se elas (angolanas) menstruavam. Elas comentavam que muitos casos assim aconteceram, mas elas preferiram não levar adiante as discussões.

Desde então, o acesso com as meninas entrevistadas foi amigável. Todas tinham conta em redes sociais e sempre mantiveram contato com a entrevistadora,

seja via internet ou na universidade.

É a partir destas acadêmicas que as entrevistas tiveram início. Logo depois, como elas não conheciam as outras jovens que eram bolsistas, partiu-se para os Acordos de Cooperação, juntamente com os dados disponibilizados pelo setor de Relações Internacionais da UNESCO.

Foram enviados *e-mails* convidando as estudantes a concederem as entrevistas, contribuindo para a pesquisa. Conseguiu-se o contato de duas estudantes da Sonangol que ainda estariam frequentando o campus¹⁶ e uma lista com dez estudantes que eram gerenciadas pela Litis.

No primeiro momento algumas respondiam rapidamente, dizendo que não havia problema e que seria um prazer contribuir. Logo que se retornava para agendar um horário, as entrevistadas não respondiam mais e somente uma marcou dia e horário para entrevista, mas não compareceu.

Após semanas e meses, marcando e remarcando as entrevistas, conseguiu-se um público pequeno de mulheres angolanas para refletir sobre suas vivências dentro da UNESCO, sendo estas mantidas financeiramente por seus pais ou familiares. Não se conseguiu nenhuma entrevista com bolsistas.

Para esta pesquisa também se procurou conversar com o presidente da Associação de Angolanos de Criciúma (ASSAC), que depois de muitos agendamentos conseguimos a entrevista. Este também permanece na instituição por acordo particular.

Desta maneira, observou-se que haveria certa diferenciação ou separação, dos diferentes públicos de angolanos (as) que circulam pelo campus (bolsistas e particulares). Estas diferenças podem ser marcadas por fatores econômicos, políticos e até mesmo religiosos. No entanto, para aprofundar melhor sobre estas questões seria preciso um tempo maior para pesquisa.

Podemos inferir também que o silêncio das jovens, que se inserem na Universidade por meio de bolsas de estudo, deixou lacunas na pesquisa. A ausência delas, e o fato de não responder os *e-mails*, talvez possa ser explicado, por não terem condição de custear seus estudos ou medo de falar algo que comprometa sua vida social no campus.

As jovens entrevistadas pertencem a famílias (de acordo com as

¹⁶ O prazo para a finalização dos cursos já havia encerrado segundo o acordo da Sonangol.

entrevistas) de classe média, com um grupo familiar na maioria das vezes grande, mães no geral enfermeiras, pais trabalhadores no manuseamento de máquinas no porto e irmãos formados (as) em medicina, engenharias, administração e professores universitários.

Estas migrações ocorrem muitas vezes de Luanda (centro) e Cabinda (norte). Todas (os) as (os) jovens em suas falas, afirmaram que nunca trabalharam, sempre tiveram seus gastos mantidos por seus pais, além de terem familiares espalhados por outros países, onde estes abriram um leque de possibilidades para migrarem para outras regiões. Todas as (os) acadêmicas disseram ter uma simpatia pelo partido que está em exercício em Angola, o MPLA.

Para a publicação destas entrevistas, sabendo que os (as) entrevistados (as) ainda estão estudando na UNESC, se optou por não divulgar seus nomes para evitar problemas futuros.

Durante estas conversas percebeu-se o quanto exaltavam seu país e o orgulho que possuem por serem angolanas (os) evitando assim teceram críticas ao país de origem.

A primeira entrevistada foi a acadêmica Luiza Pereira, vinte seis anos de idade. Atualmente reside com seus primos e filho, cursando Economia no período noturno. Sabendo que aqui em Criciúma ela reside com seu filho, surgiram questionamentos de como foi sua graduação durante a gravidez.

Quanto a maternidade... nossa sofri um monte de preconceito... Em Angola e no Brasil. Primeiro por que não sou casada, foi naquela época quando você ta grávida, vergonha de entrar na sala, por que todo mundo fica te olhando, falando... Nossa ela veio aqui para estudar e ficou grávida! Passei muito mal nessa época!¹⁷

Ao relatar sobre esta sua vivência, a entrevistada mostrou estar desabafando, aliviada que esta fase havia passado. Ela contou e enfatizou que o peso de uma gravidez era culpa dela, que seus colegas de sala brasileiros e angolanos (as) a criticavam pela gravidez.

Em Angola em grupos tradicionais é atribuída à mulher a “maternidade e a educação dos filhos, factores que depende sua dignidade. Valorizasse sua função de educadora expressa no provérbio que afirma que ‘se quer educar um homem, eduque a criança, se quer educar uma aldeia, educa-se a mulher” (SILVA, 2009,

¹⁷ Entrevista realizada com Luiza Pereira em 1º de Julho de 2015.

p.3). No entanto, a valorização da maternidade ocorre em determinados contextos e é legítima quando a mulher está casada.

Por isso, quando Luiza conta que sofreu muito com sua gravidez, pois foi criticada pelos seus colegas angolanos e brasileiros, pode-se inferir que isto ocorreu pelo que se espera de uma mulher quando engravida: que ela seja casada e se comprometa com os afazeres domésticos deixando muitas vezes, a carreira e o estudo.

Essa imagem de maternidade fez com que a entrevistada se culpasse pela gravidez e fosse criticada pelos colegas enquanto o pai da criança continuava a realizar suas atividades normalmente.

A segunda entrevistada foi Maria Helena Sousa. Ela é estudante de Engenharia Civil e possui quinze irmãos que já estudaram ou estudam no exterior. Quando questionada sobre as relações entre homens e mulheres em Criciúma, Maria Helena trouxe como exemplo a realização de atividades domésticas:

Aqui dividimos as tarefas... até agora dividimos as tarefas, vivemos todos juntos, todos devem contribuir. Mas se um menino não quiser lavar a louça eu vou entender, por que ele não foi ensinado então não precisa lavar¹⁸.

Sobre o cotidiano migratório e as atribuições de tarefas, Luiza que é cunhada de Maria Helena diz:

Até acho que em Angola as mulheres são mais submissas em relação aqui (Brasil), submissas no lar... Tem certas coisas que a mulher não pode e o homem pode. Até então antes lá, as mulheres não era permitido trabalhar, tinham que tomar conta do lar, por que sei lá era muito preconceito [...] Aqui é igualdade de direito... Lá em Angola era assim, a mulher tinha que cozinhar, arrumar... Só sei que os homens era lá uma boa. Só que aqui em Criciúma não, cada um tem sua vez, cada um cozinha, arruma, cada uma tem seu dia. Tanto menina quanto o homem, eu não vejo essa diferença¹⁹.

O mesmo pode ser percebido pela terceira entrevistada. Roberta dos Santos, vinte e dois anos de idade e atualmente tem sua graduação de Economia custeada somente por sua mãe (viúva):

Lá em Angola ainda tem um pouquinho dessa coisa de machismo... principalmente senhores mais velhos. Tipo para senhoras mais velhas... Por exemplo: cuidam da casa e o marido sustenta a casa. Mas agora as coisas

¹⁸ Entrevista realizada com Maria Helena Sousa em 11 de Setembro de 2015.

¹⁹ Entrevista realizada com Luiza Pereira em 1º de Julho de 2015.

estão um pouquinho diferente, tipo agora as mulheres trabalham fora de casa, também sustentam as casas²⁰.

As entrevistadas compararam suas vidas em Angola, especialmente as relações entre homens e mulheres, e apontaram algumas mudanças que o cotidiano em situação migratória se difere das práticas de seu país.

As relações destas mulheres com a família que ficou em Angola e (ou) com a família que está em Criciúma evidenciam como a presença delas nos fluxos migratórios contribui para as mudanças nos arranjos familiares. Elas passam a ser protagonistas “portanto as redes sociais também revelam que a migração é um projeto econômico, familiar e efetivo, o qual envolve aqueles que partiram e aqueles que ficaram no processo” (ASSIS apud CAMPOS, 2004, p. 69).

Desta maneira, as entrevistadas trouxeram relatos do quanto sua presença nas migrações vem modificando algumas situações, como o mercado de trabalho, já que elas buscam, dentro da Universidade, formação profissional para melhores condições em seu país de origem.

Os homens sempre ocupam os melhores cargos tem mais oportunidade no mercado de trabalho e contar que os salários das mulheres é bem mais baixo que o dos homens. Vamos supor que um dia um homem é diretor de uma empresa e essa empresa é ocupada por uma mulher do mesmo cargo a mulher vai ganha menos do que aquele que estava. É desigual estamos lutando pra isso procurar melhor na qualificação pra dar um equilíbrio²¹.

A entrevistada relata que a necessidade de estudar no exterior, surgiu devido ao grande preconceito que ela percebe no ambiente de trabalho. Adichie (2014, p. 33) em seu livro “Sejamos todos feministas” reflete sobre papéis de gênero e mercado de trabalho:

Ensinamos as meninas a se encolher, a se diminuir, dizendo – lhes: ‘Você pode ter ambição, mas não muita. Deve almejar o sucesso, mas não muito. Senão você ameaça o homem. Se você é a provedora da família, finja que não é, sobretudo em público. Senão você estará emasculando o homem.

O sexo é ainda um dos determinantes de como o indivíduo deve se portar perante a sociedade, criando a desigualdade entre os gêneros. Migrar para Criciúma com o objetivo de melhorar profissionalmente é escolha, segundo as entrevistadas,

²⁰ Entrevista realizada com Roberta dos Santos em 15 de Julho de 2015.

²¹ Entrevista realizada com Luiza Pereira em 1º de Julho de 2015.

apoiada pela família. No entanto, a escolha do curso superior e o direcionamento do fluxo permitem perceber que essas mulheres também precisam desenvolver estratégias para migrar.

Era para eu ir para o EUA com uma prima, por que tipo assim, até agora não tenho nenhum país dos sonhos... Eu tinha uma prima muito chegada e meu pai estava disposto a me enviar para lá, então poderíamos ir nós duas juntas estudar lá, então vamos... Só por que depois o pai dela, meu tio, conseguiu uma bolsa para ela na Sérvia, um país europeu então se ela não iria eu também não queria mais. E depois meu pai queria que eu fosse para China fazer nutrição e é algo que eu nunca pensei em fazer... E naquele barulho, meu irmão estava no Brasil e então eu disse que iria para lá, ficar com meu irmão, fazer Química Industrial ou Petroquímica²².

Ela relata que todos seus 15 irmãos tiveram que estudar no exterior, inclusive ela. Seus pais desde criança direcionavam para onde deveriam migrar. Seu pai era quem ordenava seu trajeto, que procurava colocar a filha perto de seus familiares. Não conseguindo fazer isto, ele discutia com a filha para a mesma cursar Nutrição. Ela comentava que não era seu perfil.

Assim, a acadêmica conseguiu uma estratégia para cursar Engenharia, pois seus irmãos e primas já estavam estudando na UNESC. “Quando eu cheguei aqui os meus irmãos já viviam aqui, o Aleluia já vivia aqui, o Quinho, a Sueli, então desde que cheguei sempre vivi com minha família”. Perto de seu irmão que estava no Brasil, ela conseguiu convencer seu pai.

As mulheres, nestes casos, passaram a ser cuidadas por seus familiares de longe, e também no país de destino, pois muitas dividem apartamentos com parentes.

Esta vigilância que os pais continuam a ter por suas filhas podem ser compreendidas também, na fala do Presidente da Associação de Angolanos. Atualmente a ASSAC tem por objetivo a interação destes (as) jovens angolanos que chegam à Universidade. Contando com um número muito baixo de frequentadoras ele explica que “os homens são mais fáceis para fazer amizade. Já a menina primeiro para fazer atividade elas já não aceitam, praticamente na associação. A interação entre elas em si, é difícil. Elas são frágeis e depende da forma que você cresceu, mais fechado, mais espontâneo”²³.

Argumenta que as mulheres são mais sensíveis durante o afastamento de

²² Entrevista realizada com Maria Helena Sousa em 11 de Setembro de 2015

²³ Entrevista realizada com Paixão Francisco Correia Cristovão em 13 de Agosto de 2015.

seu país de origem e procuram, portanto, ser mais discretas. Isto, segundo o presidente da ASSAC, explicaria a ausência delas nas reuniões.

Percebeu-se a ausência das mulheres não somente na ASSAC, mas na vida social na cidade. No cotidiano, os homens angolanos estão sempre em festas, participando de eventos, namorando com as brasileiras. Já, sobre as mulheres se ouviu falar pouco sobre suas participações na cidade e na Universidade. Este afastamento das jovens nas reuniões e no cotidiano, que o presidente justifica pela sensibilidade, também pode ser compreendido por um preconceito agregado por várias coisas: por serem mulheres, estrangeiras, negras, algumas por serem bolsistas, entre outros fatores. Um exemplo de problema enfrentado por essas jovens pode ser percebido nessa narração:

Não por ser negra, não sei... é que eu estava no ônibus e um brasileiro veio e queria que eu saísse do banco, por que ali seria o lugar dele, por que ele era brasileiro. Então ele estava a dizer que eu estava ocupando o lugar dele. Ele não queria saber se cheguei primeiro, ele queria que eu me levantasse para ele sentar por que ali era o lugar dele. Por que o ônibus foi feito para os brasileiros! Nossa... deu uma confusão no ônibus, já teve gente que ficou indignado, não gostaram de ver aquela situação, e todo mundo para não, evitar problema, levanta e deixa ele sentar! Do que ficar aí batendo boca²⁴.

Este episódio possibilita refletir sobre os inúmeros problemas que essas jovens enfrentam no contexto migratório. Este pode ser também um dos fatores do afastamento dessas mulheres de algumas atividades na cidade.

Com relação aos objetivos dessas migrações, as jovens apontam que é importante estudar no exterior para melhorar sua qualificação profissional. Roberta reflete que “as mulheres que vêm estudar fora tem mais oportunidade, as empresas dão mais oportunidade para as mulheres que estudam fora, que se formam fora do país, e é bom que você fale outras línguas”²⁵.

No entanto, mesmo qualificando seus currículos elas ainda percebem resistência no mercado de trabalho angolano. “As vezes lá em Angola, perguntam que curso? Eu digo: Engenharia Civil. Mas bah mulher fazer este curso! Conheço pessoas, de fato, parece ser um curso um pouquinho mais masculino do que o normal”²⁶.

²⁴ Entrevista realizada com Luiza Pereira em 1º de Julho de 2015.

²⁵ Entrevista realizada com Roberta dos Santos em 15 de Julho de 2015.

²⁶ Entrevista realizada com Maria Helena Sousa em 11 de Setembro de 2015

No país de origem alguns cursos que estas migrantes estão fazendo, ainda são atribuídos a profissões masculinas sendo, portanto, outro entrave na hora de escolher o curso superior.

Além disso, essas migrantes relataram que durante a realização da graduação, outros problemas ocorreram no cotidiano universitário:

É... que a gente percebe no olhar, eu já senti na primeira fase, quando... acho que era um trote solidário... foi lá no auditório. o reitor parabenizando os angolanos bateu uma salva de palmas! Depois cheguei na sala, nossa vish o que aquela cambada de negros estava a fazer... Não comigo, mais tenho amigos que falam que os brasileiros dizem que o lugar da UNESC não é nosso. Mas não estamos aqui de favor, estamos pagando! Vai ter muito angolano que vai te falar... mas assim, quando é trabalho em grupo, eles já tem seus grupos (brasileiros) vai lá, ah já tenho um grupo! Então as vezes eles (angolanos) procuram fazer uma determinada disciplina com angolanos, por que pelo menos já tem com quem fazer! Por que as vezes você acaba fazendo trabalho sozinha. Por que não tem grupo para fazer!²⁷

As acadêmicas evidenciam o modo como o estrangeiro é visto, em algumas situações, pelos brasileiros (as) e por seus colegas de turma. Informalmente ouviram-se muitos relatos. No entanto, durante as entrevistas as migrantes evitaram relatar algumas situações. Nesse sentido, ao refletir sobre essas dificuldades encontradas pelo grupo de migrantes na cidade de Criciúma, se pode inferir que as mulheres sofrem preconceitos por vários fatores: condição econômica, por serem estrangeiras, por serem negras, por serem mulheres.

²⁷ Entrevista realizada com Luiza Pereira em 1º de Julho de 2015.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo dar visibilidade as mulheres angolanas nos fluxos migratórios contemporâneos. Nesse sentido, buscou-se contribuir para as pesquisas que buscam analisar migração e gênero.

Foi necessário compreender alguns aspectos que aproximaram as relações políticas e econômicas entre Brasil e Angola, pois ambos passaram a se inserir no campo das migrações internacionais, tecendo redes e estimulando novas migrações. Angola desenvolveu diversos acordos com o Brasil para estudos, sendo esta uma migração de retorno.

Desta maneira, as migrações tinham como destino as capitais: Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. Santa Catarina passou a fazer parte destes fluxos, por conta das trocas de informações entre o reitor da UNESCO e empresas de Angola, especialmente a Sonangol. Foi a partir do contato com a UNESCO que outras universidades foram inseridas nesse acordo.

Assim, os primeiros grupos de acadêmicos (as) angolanos (as) iniciaram seus estudos na universidade. Nestas vindas e partidas eles (as) foram desenvolvendo as chamadas redes sociais, onde trocam informações, direcionando novos fluxos para Santa Catarina, especialmente para Criciúma, sendo este um dos fatores do aumento de migrações de angolanos (as) de maneira espontânea em que se mantêm na cidade com recursos próprios. Alguns migram para frequentar o ensino médio e posteriormente, o ensino superior.

Esta realidade vivenciada na cidade apontou a necessidade da realização desta pesquisa que possui características próprias. Em sua maioria são jovens; homens e mulheres, que almejam se qualificar profissionalmente e retornar para seu país de origem.

Deste modo, compreendendo que os gêneros se relacionam nos diversos espaços de migração como a UNESCO, a pesquisa se tornou importante, pois historicamente as mulheres nestes processos de deslocamento, eram percebidas como dependentes passivas de seus companheiros, o que fazia delas invisíveis nas migrações.

Foi importante conhecer algumas particularidades do país de origem dos fluxos, como a língua, a religião e a presença de diferentes grupos étnicos que formam a Angola atual.

Entende-se que a pesquisa ainda precisa ser aprofundada, pois muitas informações surgiram no decorrer da análise das fontes. As dificuldades do trabalho com a fonte oral também modificaram diversas vezes o foco da pesquisa. No entanto, também evidenciaram tensões entre o grupo de migrantes que por conta das limitações no uso das narrativas, não nos foi possível aprofundar.

As jovens que aceitaram participar das entrevistas demonstravam receio em contribuir para a pesquisa. Visualizou-se este aspecto, pois conhecendo um pouco da trajetória delas na universidade, percebeu-se que evitavam contar certos acontecimentos.

Outra dificuldade foi à falta de comunicação e a ausência das bolsistas para as entrevistas, o que teria contribuído para a ampliação da análise. Mesmo assim, o objetivo foi alcançado, pois se conseguiu trazer o ponto de vistas destas mulheres sobre as migrações que estão ocorrendo na universidade e como estes (as) se relacionam durante o processo migratório.

REFERÊNCIAS

ACORDO DE COOPERAÇÃO - UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense e Petrolífera Sonangol de Angola, Criciúma-SC, 2005.

ACORDO DE COOPERAÇÃO, UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Instituto Superior Politécnico de Huambo, Criciúma – SC, 2011.

ACORDO DE COOPERAÇÃO, UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Petrolífera Litis Company, Criciúma-SC, 2014.

ADICHIE, Ngozi Chimamanda. **Sejamos todos Feministas**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2014.

ÁFRICA. Disponível em: <http://www.africa-turismo.com/populacao.html>. Acesso em: 30 ago.2015.

AGUALUSA, José Eduardo. Guerra e Paz em Angola. In: Festa Internacional de la Literatura: Kosmopolis, 14-19 de set, Barcelona. **Anais**. Barcelona: CCCB, 2004.

ANGOLA. Disponível em: <http://www.angolaglobal.net/sobre-angola/angola>. Acesso em: 20 jul.2015.

AREND, Silvia Maria Favero et al. **Diásporas, Mobilidades e Migrações**. Florianópolis: Mulheres, 2011.

ASSIS, Glaucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: Gênero, Redes Sociais e Migração Internacional. **Revista Estudos Feministas**, Santa Catarina: Florianópolis, v.15, n.3, p.336, set.-dez.2007.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. “**De Criciúma para o mundo**”: gênero, família e migração. Fórum de Pesquisa, 21, “Sentidos do gênero”. IV Reunião de Antropologia do MERCOSUL, Curitiba, 2003.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo Sexo**. São Paulo: Editora Divisão Europeia do Livro, 1970.

BRIEF, Angola. Partidos Políticos em Angola: na tendência Africana. **Universidade Católica de Angola**, Angola, v.1, n.10, 2011.

BURKE, Peter. **A escrita na História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CAMPOS, Emerson César de. **Territórios Deslizantes: Recortes, Miscelâneas e exposições na cidade contemporânea – Criciúma (SC) (1980 – 2002)**. 2003. 222 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CAMPOS, Emerson César de; CARDOSO, Michele Gonçalves. Família e tempo

presente: arranjos familiares e fluxos migratórios (2000-2013). In: ASSIS, Glaucia de Oliveira; BENEDUZI, Luiz Fernando. **Os pequenos pontos de partida: novos e (i) migrantes rumo a Itália no século XXI**. Curitiba: Editora CRV, 2014.

CARDOSO, Michele Gonçalves. **De volta para casa: A inserção dos retornados a cidade de Criciúma/SC (1995 -2009)**. 2011. 134 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.

DIAGNÓSTICO de Gênero de Angola. PAANE II – Programa de Apoio aos Actores não Estatais, 2014. (Apostila).

FERREIRA, Marieta de Moraes. Desafios e dilemas da História oral nos anos 90: o caso do Brasil. **História oral**, São Paulo, n.1, p.19-30, jun.1998.

FILOMENA, Luciano César; CHERON, Cibele. O antagonismo ao Extremo: Luta pela Libertação Colonial e Guerra Civil em Angola. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ORGANIZAÇÃO E SOCIEDADE: INOVAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS, 3, 11-14 de nov., Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre: GT Organizações Internacionais, 2008.

LEITE, Fábio. Valores. Civilizatórios em sociedades NEGRO-AFRICANAS. África: **Revista de Estudos Africanos**. USP, São Paulo, 1995/1996. Disponível em: www.revistas.usp.br/africa/article/download/74962/78528. Acesso em: 02 maio 2015.

LIMA, Tânia et al. **Griots: Culturas africanas, linguagem, memória, imaginário**. Natal: Lucgraf, 2009.

MONDARDO, Graciane. **Educação e identidade cultural: experiência de acadêmicos angolanos da UNESCO**. 2012. 156 f. Disponível em: <http://www.unesc.net/portal/blog/ver/213/6174/>. Acesso em: 20 jun.2015.

PEDRO, Maria Joana. Traduzindo o debate: O uso da categoria gênero. **História**, São Paulo, v.24, n.1, 2005.

PINSKY, Bassanezi Carla. **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

RAGO, Luzia Margareth. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930. In Pedro, Joana; Grossi, Miriam (Orgs.). Masculino, Feminino, Plural. **HISTÓRIA**, São Paulo, v.24, n.1, p.77-98, 2005.

SILVA, Eugênio Alves da. Educação em Angola e (des)igualdades de gênero: quando a tradição cultural é factor de exclusão. X CONGRESSO INTERNACIONAL GALEGO-PORTUGUÊS DE PSICOPEDAGOGIA. Braga: Universidade do Minho, 2009.

STEFENSON, Eleonora Abad. **Organizações Políticas e Eleições em Angola: Da Guerra Colonial as Disputas Eleitorais**. 2009. 92 f. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói.

TÉ, Pedro Wilson. **Relações Exteriores da Guiné-Bissau:** Um estudo das Relações bilaterais Guiné-Bissau/Brasil (1974-2014) 2015. 143 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais). Programa San Tiago Dantas de Pós Graduação em Relações Internacionais – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo.

VENTURA, Ramos Paulo Pedro. A contribuição intelectual da mulher angolana no Processo de Independência da Angola. **Identidade!** São Leopoldo, v. 19, n. 2, jul.2014. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/identidade>>. Acesso em: 10 maio 2015.

APÊNDICE A – QUESTÕES NORTEADORAS PARA ENTREVISTAS COM MULHERES ANGOLANAS

QUESTÕES PARA ENTREVISTA COM AS MULHERES ANGOLANAS

TEMA DE PESQUISA: A PRESENÇA DA MULHER ANGOLA NA UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE (2006 – 2012)

IDENTIFICAÇÃO

- NOME:
- IDADE:
- SEXO:
- POSSUÍ FIOS (AS):
- LOCAL DE ORIGEM:
- ESCOLARIDADE/CURSO:
- PROFISSÃO:
- RELIGIÃO:
- ESTADO CIVIL:
- NÚMERO DE MEMBROS NA FAMÍLIA/POSIÇÃO QUE OCUPA
- NÍVEL SÓCIO – ECONÔMICO:
- COM QUEM MORA EM CRICIÚMA?

Como é Angola na sua visão?

Por que resolveu fazer intercâmbio?

Qual era sua posição profissional antes de vir para o Brasil?

E dos membros da família?

Qual era a renda da família?

Números de analfabetos e não analfabetos na família?

Alguém mais com graduação ou cursando?

(sim) existe algum parente que mora com você?

Como foi a reação/apoio de sua família ao migrar para o Brasil?

Qual relação com sua família em Angola?

Como foi a recepção pelos seus colegas no Brasil?

Como você percebe o papel da mulher e homem em Angola; quais suas responsabilidades?

E em Criciúma?

Como é sua vida social aqui no Brasil?

Por que resolveu fazer o processo de intercâmbio? Sofreu algum preconceito pela sua decisão?

Como foi sua inserção no processo de intercâmbio com a UNESCO?

Qual foi o motivo pela escolha da sua graduação?

Como é vista a mulher que migra para outro país em Angola?

E como você enfrenta a maternidade no Brasil e na Angola?

Como era seu cotidiano em Angola, e agora em Criciúma?

Teve alguma dificuldade em se adaptar ao Brasil?

Você faz parte de algum partido? Qual? Por quê?

Como você vê seu futuro em Angola quando retornar? Tem planos?